

Paris, hospitais antigos e hospitalização moderna

Paris, ancient hospitals and modern medical care

A. Coutinho Miranda*

Resumo

O autor, após uma visita que fez acidentalmente ao Hôtel Dieu em Paris, refere-se à impressão que lhe causou a transformação de um velho hospital numa unidade hospitalar moderna, na qual é dada particular atenção à qualidade do atendimento aos doentes.

Palavras chave: *Hôtel Dieu, hospitais antigos, hospitalização.*

Abstract

The Author comments on the impression caused by an accidental visit to the Hôtel Dieu in Paris, regarding the transformation of an old Hospital into a modern one. He was particularly impressed with the quality of the medical care provided to the patients.

Key words: *Hôtel Dieu, old hospitals, hospitalization.*

Foi por um mero acaso que deparei com o Hôtel Dieu, em Paris, à direita de quem sai da Igreja de Nôtre Dame, do outro lado da rua.

Pensava que o hospital já não existia, embora não desconhecendo que personalidades da história da Medicina, como Claude Bernard, que mudou o futuro da Medicina, dando-lhe o sentido de Ciência que ela hoje possui, ou Bichat, grande figura dos primórdios da clínica e da sua relação com as alterações dos órgãos, nele tenham exercido e ensinado, assim como outros notáveis entre os quais Dupuytren e Trousseau.

Flanqueada a porta de entrada, tem-se acesso a um amplo *hall* com pessoal de acolhimento pronto a fornecer qualquer informação, dispondo-se para o efeito de um balcão de atendimento e, como qualquer outro grande hotel, *maples* e cadeiras, além de outras comodidades que tornam o diálogo mais informal e íntimo. Numa outra zona

do *hall*, podem-se adquirir revistas, jornais e livros, além de várias publicações de informação sobre o próprio hospital e a saúde, nomeadamente a SIDA, com indicações de ordem prática e dos centros parisienses a que se pode recorrer em caso de necessidade. Uma das publicações era um número recente da revista editada pelo grupo hospitalar a que o Hôtel Dieu hoje pertence, e ainda um outro número com informações para o doente internado ou para alguém com interesse pelo hospital. Nela se refere que o hospital foi fundado no ano de 651 e era, até ao Renascimento, o único da capital francesa. Depois de várias vicissitudes, abandonou a forma pavilhonada e adquiriu a sua estrutura definitiva em fins do século passado.

Sobreviveu a várias “tutelas” e faz parte actualmente da Assistência Pública dos Hospitais de Paris (APHP), juntamente com mais 50 hospitais da região. Constitui, com as 85 mil pessoas que emprega, o maior grupo hospitalar europeu. Este Grupo Hospitalar realiza 1/3 das transplantações de órgãos em França, é o primeiro centro nacional de luta contra a SIDA e o maior centro europeu da luta contra o cancro.

Mas qual a posição deste velho hospital fundado por monges, de arquitectura antiga, e situado no centro de Paris?

As afecções mais frequentes das crianças, adultos e idosos têm no hospital as melhores condições para o seu tratamento. Dispõe, para o efeito, de 508 camas, agrupadas em quartos de 1 (a maioria), 2 e 3 camas (em extinção); 34 leitos de hospital de dia, para cuidados precisos (diagnóstico, quimioterapia, cirurgia oftalmológica), e 120 leitos para hospitalização prolongada. Constitui o primeiro centro de acolhimento das urgências de Paris. As valências de internamento que possui são, na maioria, médicas; uma única de Cirurgia; Ginecologia e Obstetrícia; e Oftalmologia. As especialidades estão sobretudo representadas nas Consultas Externas.

Os médicos estão agrupados em equipas com 3-4 graus de diferenciação. Existe ainda um tipo adicional de médico designado por “attaché” que pratica na cidade e que trabalha em tempo parcial no hospital, onde assegura consultas ou pratica alguns exames.

Quando o doente é admitido no hospital, é encorajado a dirigir-se ao pessoal hospitalar claramente identificado por um dístico ou “badge”, para usar a designação adoptada pelos franceses, com o seu nome e função, e com uma das cinco cores conforme o estrato profissional a que pertence, (médico, estudante, pessoal hospitalar, pessoal técnico, pessoal administrativo). É interessante notar que existem no hospital 150 tipos profissionais, o que dá uma garantia de qualidade e competência na assistência prestada. A própria equipa que cuida do doente inclui vários elementos, além de médicos e enfermeiros, tais como o psicólogo ou o responsável de hotelaria e uma funcionária, “a secretária hospitalar”, sem equivalência entre nós,

* *Chefe de Serviço de Medicina Interna
Serviço 1 do Hospital Curry Cabral, Lisboa*

cujas funções se destinam a ajudar o doente nas formalidades do internamento, da alta e da articulação com os outros elementos da equipa.

O doente ficará assim totalmente familiarizado com o hospital e as comodidades que o mesmo lhe pode oferecer. Pode requisitar, para seu uso pessoal, um telefone, um aparelho de televisão; pode escolher as suas refeições com a ajuda de um dietista; pode recorrer aos livros de uma biblioteca ambulante; e, se necessário, proceder a qualquer operação bancária. Também pode solicitar assistência religiosa por religiosos de um de cinco cultos (católico, islâmico, israelita, ortodoxo e protestante). Se é emigrante, pode pedir o apoio de intérpretes; se não tem apoio de amigos ou familiares, a assistente social pode assegurar o apoio de associações benévolas. E são igualmente associações que levam a escola ao hospital, quando isso é necessário.

Se tiver algumas dúvidas nas explicações da “secretária hospitalar” sobre as consultas do hospital ou formalidades administrativas, é-lhe facultado o acesso ao computador, que lhe dará indicações mais precisas.

Mas o doente não tem só direitos; tem obrigações que decorrem da própria vida hospitalar. A “carta do doente”, documento oficial que existe desde 1974, lembra estes constrangimentos naturais que decorrem, afinal, do simples bom senso e civismo.

Após a alta, o doente volta a ser entregue aos cuidados do seu médico assistente, cuja colaboração durante

o internamento é, aliás, encorajada. Eventualmente o doente poderá ainda necessitar doutros tipos de cuidados que a Medicina moderna tornou imperativos, tais como: internamentos de longa ou média permanência; hospitalização domiciliária; e hospitalização em hospital de dia.

Uma última surpresa me estava reservada na curta visita ao hospital francês. Ao esgueirar-me para outra zona pública do hospital, fui ter a um amplo espaço interior cujas dimensões ultrapassam largamente as de um campo de ténis e que está ajardinado “à francesa”, com vários caminhos. Dum e doutro lado existe uma ampla galeria monástica que sustenta os vários serviços hospitalares. Na extremidade mais afastada, uma capela católica e, na extremidade mais próxima, um pequeno pátio, a “cour d’honneur”, em cujas paredes estão gravados os nomes ilustres do hospital, nomeadamente dos médicos falecidos na guerra ou em resultado da sua abnegação na luta contra a doença.

A comparação entre a hospitalização francesa e a portuguesa constituía uma primeira finalidade destas observações, embora não me pareça que este penoso exercício possa ter alguma utilidade. No entanto, colhe-se a impressão geral de um franco investimento na saúde dos franceses e recomenda-se, a quem for de férias a Paris, que introduza um pouco de “turismo temático médico”, visitando um dos velhos hospitais públicos do centro da cidade.